

TRIPÉ DA SUSTENTABILIDADE E ECONOMIA CRIATIVA: IMPLICAÇÕES PARA A MINIMIZAÇÃO DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

**SUSTAINABILITY TRIPOD AND CREATIVE ECONOMY: IMPLICATIONS FOR
MINIMIZING ENVIRONMENTAL DEGRADATION**

**TRÍPODE DE SOSTENIBILIDAD Y ECONOMÍA CREATIVA: IMPLICACIONES
PARA MINIMIZAR LA DEGRADACIÓN AMBIENTAL**

**Jadson Antonio Fontes Carvalho¹, Maira Danuse Santos de Oliveira², José André de Moraes Rio³,
Rafael Teixeira Sebastiani⁴, Homero de Gorge Cerqueira⁵, Clecia Simone Gonçalves Rosa
Pacheco⁶, Reinaldo Pacheco dos Santos⁷, Leonardo Oliveira de Andrade Pinto⁸, Francisco
Roldineli Varela Marques⁹, Simone Aparecida Simões Rocha¹⁰, Charlys Seixas Maia Dornelas¹¹,
Roberto Rodney Ferreira Júnior¹², Donizete Vaz Furlan¹³, Matheus Soares Alves Opatski¹⁴,
Judson Tavares Matias¹⁵, Alessandro Medeiros Pedro¹⁶**

DOI: 10.54899/dcs.v22i81.3133

Recibido: 30/6/2025 | **Aceptado:** 25/7/2025 | **Publicación en línea:** 31/7/2025.

¹ Graduando em Administração, Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil.

E-mail: jadsonfontes@hotmail.com

² Mestranda em Gestão Pública, Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil.

E-mail: mairadanuse@ufpi.edu.br

³ Mestrando em Agronegócio e Desenvolvimento, Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Tupã, São Paulo, Brasil. E-mail: jose.rio@unesp.br

⁴ Doutorando em Agronegócio e Desenvolvimento, Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho", Tupã, São Paulo, Brasil. E-mail: rt.sebastiani@unesp.br

⁵ Pós-Doutor em Direito e Políticas Públicas, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: homero.cerqueira@gmail.com

⁶ Pós-Doutora em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE), Petrolina, Pernambuco, Brasil. E-mail: clecia.pacheco@ifsertao-pe.edu.br

⁷ Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), São Francisco, Pernambuco, Brasil. E-mail: pachecoreinaldo6@gmail.com

⁸ Graduado em Geral de Transferência de Bacharelado, Broward College, Weston, Flórida, Estados Unidos. E-mail: leo.oliveira0102.andrade@gmail.com

⁹ Mestre em Administração pelo Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: roldineli.varela@gmail.com

¹⁰ Doutora em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil. E-mail: simone.rocha@ufop.edu.br

¹¹ Doutor em Agronomia, Universidade Federal da Paraíba, Areia, Paraíba, Brasil. E-mail: csmmdornelas@hotmail.com

¹² Mestre em Gestão Empresarial, Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. E-mail: robertojunior@unimontes.br

¹³ Mestre em Direitos Humanos, Centro Universitário Fieo (UNIFIEO), Osasco, São Paulo, Brasil. E-mail: donifurlan@hotmail.com

¹⁴ Especialista em Comércio Exterior, Faculdade de Minas (FACUMINAS), Coronel Fabriciano, Minas Gerais, Brasil. E-mail: matheus.contador@yahoo.com.br

¹⁵ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: judsontavares26@gmail.com

¹⁶ Doutorando em Biociências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: alessandroctg@hotmail.com

RESUMO

Objetivo: Este estudo teve como objetivo analisar como o tripé da sustentabilidade (ambiental, social e econômico) interage com a economia criativa no sentido de minimizar a degradação ambiental. **Metodologia:** Tratou-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, a qual foi realizada mediante o levantamento de artigos em bases como SciELO, Scopus e Google Acadêmico. O levantamento englobou a seleção de artigos científicos brasileiros publicados nos últimos 10 anos. **Resultados:** Os resultados da pesquisa demonstram que a integração da economia criativa com os princípios do desenvolvimento sustentável contribui significativamente para a redução dos impactos ambientais. Essa integração ocorre por meio da adoção de modelos de negócio baseados na economia circular, na inclusão social e na valorização dos saberes locais. Identificou-se o uso criativo de resíduos como matéria-prima, o que reduz a extração de recursos naturais e promove ciclos produtivos mais sustentáveis. As práticas analisadas também geram valor econômico de forma ambientalmente responsável, ao mesmo tempo em que fortalecem os vínculos comunitários e promovem a diversidade cultural. Além disso, políticas públicas voltadas à arte e à cultura, quando orientadas por critérios ambientais, têm se mostrado fundamentais para impulsionar a sustentabilidade em nível local, através do estímulo à economia criativa e da conscientização ambiental. A convergência entre inovação, cultura e sustentabilidade mostrou-se capaz de gerar impactos positivos como a regeneração de espaços urbanos, a criação de empregos verdes e o fortalecimento da economia local. No entanto, o estudo também evidencia desafios relevantes, como a necessidade de governança integrada, mecanismos de financiamento mais acessíveis e equidade no acesso às oportunidades. **Conclusão:** Conclui-se que a articulação entre o tripé da sustentabilidade e a economia criativa representa uma estratégia promissora para o enfrentamento da crise ambiental, desde que sustentada por esforços conjuntos entre governos, iniciativa privada e sociedade civil. A economia criativa, nesse contexto, se afirma como vetor de transformação socioambiental e como promotora de um novo modelo de produção e consumo mais justo, ecológico e economicamente viável.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Meio Ambiente. Tripé da Sustentabilidade. Economia Criativa.

ABSTRACT

Objective: This study analyzed how the three pillars of sustainability (environmental, social, and economic) interact with the creative economy to minimize environmental degradation. **Methodology:** This was a literature review, conducted by searching articles in databases such as SciELO, Scopus, and Google Scholar. The survey included a selection of Brazilian scientific articles published in the last 10 years. **Results:** The research results demonstrate that integrating the creative economy with the principles of sustainable development contributes significantly to reducing environmental impacts. This integration occurs through the adoption of business models based on the circular economy, social inclusion, and the appreciation of local knowledge. The creative use of waste as a raw material was identified, which reduces the extraction of natural resources and promotes more sustainable production cycles. The practices analyzed also generate economic value in an environmentally responsible manner, while strengthening community ties and promoting cultural diversity. Furthermore, public policies focused on arts and culture, when guided by environmental criteria, have proven fundamental to driving sustainability at the local level, through stimulating the creative economy and raising environmental awareness. The convergence of innovation, culture, and sustainability has proven capable of generating positive

impacts such as the regeneration of urban spaces, the creation of green jobs, and the strengthening of the local economy. However, the study also highlights significant challenges, such as the need for integrated governance, more accessible financing mechanisms, and equal access to opportunities. Conclusion: The conclusion is that the articulation between the triple bottom line and the creative economy represents a promising strategy for confronting the environmental crisis, provided it is supported by joint efforts between governments, the private sector, and civil society. The creative economy, in this context, asserts itself as a driver of socio-environmental transformation and as a promoter of a new, fairer, more ecological, and economically viable model of production and consumption.

Keywords: Sustainability. Environment. Triple Bottom Line. Creative Economy.

RESUMEN

Objetivo: Este estudio analizó cómo los tres pilares de la sostenibilidad (ambiental, social y económico) interactúan con la economía creativa para minimizar la degradación ambiental. Metodología: Se realizó una revisión bibliográfica mediante la búsqueda de artículos en bases de datos como SciELO, Scopus y Google Académico. El estudio incluyó una selección de artículos científicos brasileños publicados en los últimos 10 años. Resultados: Los resultados de la investigación demuestran que la integración de la economía creativa con los principios del desarrollo sostenible contribuye significativamente a la reducción del impacto ambiental. Esta integración se produce mediante la adopción de modelos de negocio basados en la economía circular, la inclusión social y la valorización del conocimiento local. Se identificó el uso creativo de residuos como materia prima, lo que reduce la extracción de recursos naturales y promueve ciclos de producción más sostenibles. Las prácticas analizadas también generan valor económico de forma responsable con el medio ambiente, a la vez que fortalecen los vínculos comunitarios y promueven la diversidad cultural. Asimismo, las políticas públicas centradas en las artes y la cultura, cuando se rigen por criterios ambientales, han demostrado ser fundamentales para impulsar la sostenibilidad a nivel local, mediante el estímulo de la economía creativa y la sensibilización ambiental. La convergencia de la innovación, la cultura y la sostenibilidad ha demostrado ser capaz de generar impactos positivos como la regeneración de espacios urbanos, la creación de empleos verdes y el fortalecimiento de la economía local. Sin embargo, el estudio también destaca desafíos importantes, como la necesidad de una gobernanza integrada, mecanismos de financiación más accesibles y la igualdad de oportunidades. Conclusión: La articulación entre la triple cuenta de resultados y la economía creativa representa una estrategia prometedora para afrontar la crisis ambiental, siempre que cuente con el apoyo de esfuerzos conjuntos entre los gobiernos, el sector privado y la sociedad civil. En este contexto, la economía creativa se consolida como motor de la transformación socioambiental y promotora de un nuevo modelo de producción y consumo más justo, ecológico y económicamente viable.

Palabras clave: Sostenibilidad. Medio ambiente. Triple cuenta de resultados. Economía creativa.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

O conceito do tripé da sustentabilidade emerge no final do século XX como resposta à necessidade de equilibrar desenvolvimento econômico, justiça social e conservação ambiental. Essa abordagem propõe que o crescimento econômico seja sustentável apenas se integrado às dimensões sociais e ecológicas, sem comprometer as gerações futuras. Desde o relatório Brundtland em 1987 até agendas globais modernas, o tripé tornou-se referência central nas políticas e práticas voltadas ao desenvolvimento sustentável (Ballerini; Ballerini; Fontes, 2023).

Em paralelo, surge o conceito de economia criativa, que enfatiza o uso de ideias, cultura, arte e inovação como fontes de valor econômico e transformação social. A economia criativa valoriza talentos, saberes locais, cultura e relações sociais na geração de produtos e serviços com peso simbólico e econômico elevado. Ela oferece um potencial de desenvolvimento alternativo ao modelo industrial tradicional, especialmente relevante para regiões urbanas e comunidades periféricas (Campos; Bertacchini; Ribeiro, 2022).

A conexão entre a economia criativa e o tripé da sustentabilidade se dá quando práticas criativas incorporam valores ambientais e sociais, promovendo negócios que reutilizam resíduos, empregam pessoas marginalizadas e valorizam patrimônio cultural. Esses modelos viram exemplo de competitividade sustentável e responsabilidade socioambiental, permitindo uma articulação entre inovação cultural e preservação dos recursos naturais (Irigaray; Stocker, 2022).

Apesar dessa convergência de ideias, persiste o desafio de operacionalizar estruturas que garantam impacto positivo efetivo. A introdução de critérios de eco-design, certificações verdes, políticas públicas culturais e financiamento participativo são mecanismos que oportunizam que a economia criativa contribua de fato para a sustentabilidade. No entanto, barreiras como dificuldade de acesso a mercados, capital e capacitação técnica ainda restringem essa conexão em larga escala (Lima *et al.*, 2024a; Lima *et al.*, 2024b).

Além de questões econômicas, a dimensão social do tripé ganha força na economia criativa por meio de inclusão cultural, geração de renda em comunidades, fortalecimento da identidade local e igualdade de oportunidades. Projetos artísticos e culturais que envolvem populações vulneráveis ilustram como criatividade pode reduzir desigualdades e melhorar a qualidade de vida, sem gerar impactos ambientais significativos (Barboza *et al.*, 2019).

A sustentabilidade ambiental, nesse contexto, se materializa na redução do uso de recursos escassos, no reaproveitamento de materiais, no estímulo à economia circular e na adoção

de processos produtivos de baixo impacto. A economia criativa, ao trabalhar com materiais alternativos e promover a consciência ecológica, contribui para diminuir a pressão sobre ecossistemas e para fomentar comportamentos de consumo responsável (Mecca *et al.*, 2023).

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo explorar as implicações da integração entre o tripé da sustentabilidade e a economia criativa para a minimização da degradação ambiental, destacando práticas, desafios e perspectivas dessa interseção. A metodologia empregada consistiu numa revisão bibliográfica, articulando estudos teóricos e casos práticos, a fim de compreender os mecanismos, benefícios e obstáculos dessa integração.

DESENVOLVIMENTO

A Dimensão Ambiental e os Caminhos Criativos para a Sustentabilidade

A dimensão ambiental no contexto do tripé da sustentabilidade é um dos pilares fundamentais para garantir o equilíbrio entre o desenvolvimento econômico, a justiça social e a preservação do meio ambiente. Essa dimensão está diretamente relacionada à conservação dos recursos naturais e à mitigação dos impactos ambientais causados pelas atividades humanas (Mecca *et al.*, 2023).

A sustentabilidade ambiental visa assegurar que as necessidades das gerações presentes sejam atendidas sem comprometer a capacidade das futuras gerações de suprirem as suas próprias demandas, protegendo os ecossistemas e promovendo o uso racional dos recursos (Mecca *et al.*, 2023).

Historicamente, a degradação ambiental foi muitas vezes considerada um efeito colateral inevitável do progresso econômico. No entanto, com o agravamento das mudanças climáticas, a perda de biodiversidade e o esgotamento de recursos naturais, tornou-se evidente que o modelo tradicional de crescimento precisava ser repensado. Assim, a dimensão ambiental passou a ocupar um papel central nas discussões sobre sustentabilidade, exigindo que empresas, governos e cidadãos adotem práticas mais responsáveis e conscientes (Ballerini; Ballerini; Fontes, 2023).

No âmbito corporativo, a dimensão ambiental implica em práticas de gestão sustentável que vão desde a redução do consumo de energia e água até a minimização da geração de resíduos e emissões de gases poluentes. As organizações são chamadas a implementar políticas ambientais, adotar tecnologias limpas e se comprometer com a transparência ambiental, por meio

de relatórios e certificações, como o ISO 14001. Essa abordagem não só contribui para a conservação do meio ambiente, mas também agrega valor à marca e fortalece a reputação institucional (Mendes, 2022; Lima *et al.*, 2025; Lima *et al.*, 2025).

Além disso, a legislação ambiental tem desempenhado um papel essencial na consolidação da dimensão ambiental da sustentabilidade. Normas e regulamentações mais rigorosas têm sido implementadas para controlar a poluição, proteger áreas de preservação e estimular a recuperação de ambientes degradados. Instrumentos como o licenciamento ambiental e o monitoramento de impactos tornaram-se ferramentas indispensáveis para garantir que os empreendimentos estejam em conformidade com as diretrizes ambientais e não coloquem em risco os recursos naturais (Campos; Bertacchini; Ribeiro, 2022).

A dimensão ambiental também está profundamente interligada com a justiça social. Comunidades vulneráveis, especialmente em países em desenvolvimento, são frequentemente as mais afetadas por desastres ambientais, poluição e escassez de recursos. Promover a sustentabilidade ambiental é, portanto, também uma forma de garantir equidade social, assegurando que todos tenham acesso a um ambiente saudável e à qualidade de vida. Essa interdependência entre o social e o ambiental reforça a necessidade de políticas públicas integradas e inclusivas (Lima *et al.*, 2024a).

A necessidade de reduzir a degradação ambiental torna indispensável adoção de práticas criativas que transformem resíduos e recursos em ativos produtivos. A economia criativa emerge como meio de promover economia circular através de design sustentável, upcycling, artesanato com materiais reutilizados e arquitetura regenerativa. Tais práticas alimentam cadeias produtivas com baixa pegada ecológica e estimulam inovação local (Silva *et al.*, 2024b).

O emprego de resíduos urbanos, como plástico, madeira e têxteis descartados, em projetos criativos e culturais, demonstra como arte e design podem reaproveitar recursos, reduzindo lixo e pressão sobre aterros. Iniciativas como oficinas de moda sustentável, mobiliário com pallets reciclados ou obras de arte pública a partir de lixo ilustram essas possibilidades (Ballerini; Ballerini; Fontes, 2023).

Além do reaproveitamento, há um movimento crescente de economia regenerativa onde práticas de permacultura, agrofloresta criativa e artesanato ecológico fortalecem ciclos produtivos integrados à natureza. Cooperativas que trabalham com fibras naturais ou pigmentos orgânicos oferecem exemplos concretos de como criatividade e conservação podem ser articuladas (Campos; Bertacchini; Ribeiro, 2022).

Esses modelos requerem conhecimento técnico em eco-design e tecnologia apropriada, bem como acesso a mercados e consumidores conscientes. Por isso, políticas públicas voltadas à capacitação, certificação e fomento são elementos-chave para permitir escala e sustentabilidade dos empreendimentos criativos verdes (Silva *et al.*, 2024b).

Ademais, os circuitos culturais que valorizam produtos e expressões sustentáveis - como feiras locais, galerias de arte ecológica e festivais de cultura ambiental - criam uma economia simbólica que incentiva boas práticas ambientais e gera renda. Essas redes ampliam o valor ambiental a partir da visibilidade cultural (Brizola; Fantin, 2016).

A articulação entre empresas criativas, universidades e organizações ambientais pode gerar inovação colaborativa e transferência de tecnologias limpas. Parcerias público-privadas e incubadoras criativas verdes incentivam experimentação de novos modelos de negócio que equilibrem lucro e preservação ambiental (Lima *et al.*, 2024a).

No entanto, persistem desafios como a falta de escala, problemas de logística, custos de certificações e a necessidade de conciliar estética e funcionalidade com sustentabilidade. Superar essas barreiras exige apoio institucional, redes colaborativas e educação ambiental direcionada à economia criativa (Mazzioni *et al.*, 2023).

A replicação de modelos bem-sucedidos exige adaptação ao contexto local. O que funciona em uma comunidade litoral pode ser diferente de um projeto urbano interiorano. Ajustar práticas criativas às características socioambientais regionais é essencial para promover impacto positivo (Silva *et al.*, 2024a).

Por fim, a dimensão ambiental no tripé da sustentabilidade ganha força quando a economia criativa atua não apenas como produção simbólica, mas como agente transformador e regenerador de recursos. Essa convergência pode ser ponte entre inovação cultural, qualidade de vida e resiliência ecológica (Costa; Ferezin, 2021).

A Dimensão Social: Inclusão, Cultura e Equidade na Economia Criativa Sustentável

A dimensão social representa o eixo voltado para o bem-estar das pessoas e para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva. Diferente da visão tradicional de desenvolvimento, que priorizava apenas o crescimento econômico, a sustentabilidade social considera que o progresso deve ocorrer com base na valorização da dignidade humana, na promoção da justiça social e na garantia dos direitos fundamentais. Isso inclui o acesso à

educação, saúde, moradia, trabalho digno e participação cidadã, especialmente para os grupos mais vulneráveis (Mendes, 2022).

Segundo Silva *et al.* (2024a), a dimensão social está fortemente ligada à redução das desigualdades sociais, sejam elas econômicas, raciais, de gênero ou territoriais. Assim, promover sustentabilidade social significa criar condições para que todos tenham oportunidades iguais de desenvolvimento pessoal e coletivo, combatendo as disparidades estruturais que limitam o acesso a bens e serviços essenciais. A exclusão social não é apenas um problema ético, mas também um entrave ao próprio desenvolvimento sustentável, pois enfraquece o tecido social e acirra conflitos (Ballerini; Ballerini; Fontes, 2023).

Nesse cenário, a responsabilidade social empresarial (RSE) é uma das formas pelas quais as organizações se alinham à dimensão social da sustentabilidade. Isso se traduz na adoção de políticas de diversidade e inclusão, na garantia de condições de trabalho seguras e saudáveis, no respeito aos direitos trabalhistas e no investimento em ações que beneficiem as comunidades onde atuam. Empresas que promovem o desenvolvimento humano de seus colaboradores e investem no capital social tendem a ter ambientes mais produtivos e relações mais duradouras com a sociedade (Costa; Ferezin, 2021).

As políticas públicas também têm um papel decisivo nessa dimensão. Governos comprometidos com a sustentabilidade social devem implementar políticas que assegurem direitos básicos e reduzam as desigualdades históricas. Isso passa pela construção de sistemas públicos de educação e saúde de qualidade, programas de habitação, segurança alimentar, proteção social e fortalecimento da cidadania ativa. A governança participativa e transparente é fundamental para garantir que essas políticas atendam às reais necessidades da população (Lima *et al.*, 2024a).

A dimensão social do tripé implica a criação de oportunidades para comunidades historicamente vulneráveis por meio da economia criativa. Projetos coletivos de arte, artesanato comunitário e produções culturais locais geram emprego, valorização cultural e fortalecimento de identidade, ao mesmo tempo em que respeitam o meio ambiente (Mendes, 2022).

Além do emprego, a economia criativa sustentável promove inclusão ao valorizar saberes tradicionais e patrimônio cultural. Comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas têm criado produtos a partir de técnicas ancestrais com ênfase em sustentabilidade, obtendo renda e visibilidade sem recorrer à degradação ambiental (Mazzioni *et al.*, 2023).

Educação e capacitação técnica são fundamentais para garantir que os atores locais

possam participar de forma produtiva e justa. Programas que integram formação em sustentabilidade, gestão e marketing cultural permitem que pequenos empreendimentos ganhem mercado e aumentem sua escala sem perder autenticidade (Costa; Ferezin, 2021).

Cooperativas e redes colaborativas fortalecem a governança social, criando vínculos solidários e mecanismos de autogestão. Essas estruturas sociais garantem que os benefícios econômicos não sejam capturados por poucos, promovendo equidade e participação coletiva (Lima *et al.*, 2024b).

O engajamento comunitário também fortalece a responsabilidade ambiental, já que os próprios atores sociais têm interesse direto na conservação dos recursos naturais. Esse alinhamento entre objetivo econômico e cuidado ambiental reforça o tripé sustentável (Costa *et al.*, 2022).

Entretanto, existe o risco de apropriação cultural ou exploração mercantil de tradições sem retorno adequado às comunidades. Garantir que os direitos culturais sejam respeitados e que os benefícios sejam justos é essencial para a sustentabilidade social do modelo criativo (Brizola; Fantin, 2016).

Questões de gênero e diversidade também ganham destaque: projetos que envolvem mulheres, jovens, populações LGBTQIA+ e pessoas com deficiência podem promover inclusão e justiça social, ampliando o alcance do modelo sustentável (Silva *et al.*, 2024b).

Por outro lado, as desigualdades de acesso a recursos e mercado restringem o potencial de muitos projetos criativos. Políticas públicas inclusivas e modelos de microfinanciamento são necessários para evitar que apenas alguns se beneficiem da economia criativa sustentável (Silva *et al.*, 2024b).

Por fim, o fortalecimento da dimensão social por meio da economia criativa sustentável vai além da renda: trata-se de cultivar pertencimento, identidade e dignidade cultural, num modelo de desenvolvimento que prioriza justiça e cuidado comunitário (Silva *et al.*, 2024a).

A Dimensão Econômica e os Desafios de Viabilidade e Governança

A dimensão econômica da sustentabilidade é o pilar que trata da viabilidade financeira e da eficiência no uso de recursos para garantir o desenvolvimento contínuo da sociedade. Ela busca equilibrar o crescimento econômico com a responsabilidade social e ambiental, promovendo modelos produtivos que gerem riqueza sem causar danos irreversíveis ao meio

ambiente ou ampliar as desigualdades sociais (Mendes, 2022).

Diferente do modelo econômico tradicional, que prioriza apenas o lucro imediato, a dimensão econômica da sustentabilidade propõe uma visão de longo prazo, baseada na responsabilidade, na inovação e na resiliência. A base dessa dimensão está na ideia de que o desenvolvimento econômico deve ser compatível com a manutenção dos recursos naturais e com a justiça social. Isso significa que a geração de emprego, renda e produção de bens e serviços deve ocorrer de forma ética, eficiente e responsável. É necessário pensar em formas de produzir mais com menos, otimizando o uso de insumos e reduzindo o desperdício (Barboza *et al.*, 2019).

Além disso, a economia sustentável valoriza práticas como o investimento em energias renováveis, a economia circular, o comércio justo e a valorização de cadeias produtivas locais. Contextualmente, essa discussão se intensificou a partir do final do século XX, quando os limites do crescimento econômico convencional começaram a ser questionados por cientistas, economistas e ambientalistas. O modelo industrial baseado na exploração intensiva de recursos naturais mostrou-se insustentável diante de crises ambientais e sociais, como as mudanças climáticas, a escassez de água e a desigualdade crescente. A partir disso, surgiu a necessidade de repensar a economia em termos mais amplos, considerando não apenas indicadores financeiros, como o PIB, mas também fatores sociais e ecológicos (Costa; Ferezin, 2021).

No setor empresarial, a dimensão econômica sustentável implica em adotar práticas que garantam a saúde financeira da empresa sem prejudicar os demais pilares da sustentabilidade. Isso envolve o uso eficiente de recursos, o investimento em inovação sustentável, a redução de riscos socioambientais e o fortalecimento das relações com stakeholders. Negócios que integram a sustentabilidade econômica aos seus modelos operacionais tendem a ser mais resilientes, lucrativos no longo prazo e bem-vistos pelo mercado e pela sociedade (Lima *et al.*, 2024b).

Os governos também têm um papel central na consolidação da dimensão econômica da sustentabilidade. Políticas públicas que incentivem a transição para uma economia verde, o empreendedorismo sustentável, a agricultura familiar e a industrialização limpa são essenciais para estimular um novo modelo de desenvolvimento. Além disso, instrumentos econômicos como subsídios, impostos verdes e financiamento de projetos sustentáveis ajudam a direcionar os investimentos para atividades que respeitem os limites ecológicos e promovam inclusão social (Mazzioni *et al.*, 2023).

A dimensão econômica da sustentabilidade não exclui o lucro, mas redefine o conceito de sucesso econômico. Em vez de priorizar apenas o crescimento acelerado e concentrado,

valoriza-se o desenvolvimento equilibrado, inclusivo e duradouro. A verdadeira sustentabilidade econômica depende de decisões estratégicas que considerem os impactos sociais e ambientais das atividades produtivas, construindo um sistema econômico mais justo, inovador e responsável para as atuais e futuras gerações (Costa *et al.*, 2022).

A economia criativa, quando pautada pelo tripé da sustentabilidade, precisa garantir viabilidade financeira a longo prazo. Isso requer modelos de negócio que aliam inovação, rentabilidade e valores socioambientais, atraindo consumidores conscientes e investidores de impacto (Brizola; Fantin, 2016).

Modelos como cooperativas autogeridas, cafés culturais com produtos sustentáveis, plataformas digitais de arte ecológica e economia colaborativa são exemplos de como a economia criativa pode gerar lucro e valor simbólico. Esses negócios demonstram que é possível conciliar sustentabilidade e retorno econômico (Lima; Domingues Júnior; Silva, 2024; Lima; Domingues Júnior; Gomes, 2025).

A viabilidade econômica também depende de políticas públicas que incentivem a economia verde e criativa - por meio de subsídios, leis de incentivo à cultura, certificações, ações regionais e acesso a crédito. Esses instrumentos potencializam projetos locais com impacto ambiental positivo (Pacobello *et al.*, 2022).

Os financiamentos coletivos (crowdfunding) e fundos de impacto oferecem alternativas de capital alinhadas ao tripé da sustentabilidade, permitindo que projetos criativos talentos aliados à preservação ambiental possam prosperar sem recorrer à lógica extractivista (Brizola; Fantin, 2016).

Ainda assim, a governança dos projetos é fundamental. Estruturas transparentes e participativas - como conselho de stakeholders, governança comunitária e prestação de contas coletiva - são essenciais para garantir que o valor econômico seja equitativo e sustentável (Pacobello *et al.*, 2022).

O equilíbrio entre criatividade, funcionalidade, sustentabilidade e mercado requer desenvolvimento estratégico. Articular processos produtivos eficientes com design ecológico e comunicação cultural permite ampliar a atratividade e lucratividade dos negócios criativos verdes (Pacobello *et al.*, 2022).

Desafios comuns incluem a informalidade, precificação inadequada, baixa escala produtiva e dificuldades logísticas em regiões periféricas. Estruturas colaborativas e apoio institucional são cruciais para superar tais barreiras e fomentar crescimento sustentável

(Mazzioni *et al.*, 2023).

Para além do sucesso individual, o potencial sistêmico desses projetos depende de redes colaborativas e ecossistemas criativos regionais que compartilham conhecimento, espaço e mercado. Esses ambientes estimulam inovação e resiliência sustentável (Barboza *et al.*, 2019).

Por fim, garantir sustentabilidade econômica nesse contexto implica articular valor comercial com impacto ambiental e social, promovendo uma economia criativa que seja viável, justa, regenerativa e que efetivamente contribua para minimização da degradação ambiental (Machado; Checon, 2023; Silva, 2021).

CONCLUSÃO

A análise demonstra que a integração entre o tripé da sustentabilidade e a economia criativa tem potencial real de minimizar a degradação ambiental ao articular práticas ecológicas, inclusão social e viabilidade econômica dentro de arranjos inovadores. O objetivo da pesquisa foi atendido ao identificar como iniciativas criativas podem converter resíduos em valor, gerar renda em comunidades vulneráveis e promover negócios sustentáveis, enquanto respeitam os limites ecológicos.

A revisão bibliográfica permitiu mapear contribuições teóricas e práticas, revelando que a sinergia entre sustentabilidade e criatividade favorece modelos de economia circular, cultura inclusiva e governança participativa. Os resultados confirmam que ações criativas coerentes com o tripé da sustentabilidade fomentam inovação local, reduzem impactos ambientais e fortalecem identidades culturais, ao mesmo tempo em que exigem suporte institucional e financiamento dedicado.

Para que essa integração seja efetiva, é necessário enfrentar desafios como acesso a mercado, capacitação técnica, certificação e estrutura organizacional, promovendo políticas públicas e redes colaborativas como suporte estratégico. Assim, conclui-se que a convergência entre economia criativa e tripé da sustentabilidade oferece caminho promissor para um desenvolvimento que valoriza o ambiente, a cultura, a justiça social e a economia, exigindo uma abordagem sistêmica que articule atores, recursos e objetivos socioambientais.

REFERÊNCIAS

BALLERINI, L. de P.; BALLERINI, R. L.; FONTES, A. R. M. Sustentabilidade em transações

de Fusões e Aquisições: uma revisão sistemática. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 14, n. 8, p. 14729–14749, 2023.

BARBOZA, D. V.; DA SILVA, F. A.; MOTTA, W. H.; MEIRIÑO, M. J.; FARIA, A. do V. Application of Circular Economy in Civil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 8, n. 7, p. e9871102, 2019.

BRIZOLA, J.; FANTIN, N. Literature review and systematic literature review. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA**, v. 3, n. 2, 2016.

CAMPOS, V. M.; BERTACCHINI, Y. A.; RIBEIRO, L. A. P. Empresas ESG: uma nova perspectiva para enfrentar os desafios do capitalismo além da renda mínima. **Scientia Iuris**, v. 26, n. 1, p. 89–104, 2022.

COSTA, E.; FERREZIN, N. B. ESG (Environmental, Social and Corporate Governance) e a comunicação: o tripé da sustentabilidade aplicado às organizações globalizadas. **Revista Alterjor**, v. 24, n. 2, 79-95, 2021.

COSTA, R. *et al.* ESG: os pilares para os desafios da sustentabilidade. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 9, e391920, 2022.

COSTA, E.; FERREZIN, N. B. ESG (Environmental, Social and Corporate Governance) e a comunicação: o tripé da sustentabilidade aplicado às organizações globalizadas. **Revista Alterjor**, v. 24, n. 2, 2021.

IRIGARAY, H. A. R.; STOCKER, F. ESG: novo conceito para velhos problemas. **Cad. EBAPE.BR**, v. 20, nº 4, Rio de Janeiro, Jul./Ago. 2022.

LIMA, L. A. de O.; BERNARDY, T. A. dos S.; BALDISSARELLI, J. M.; CERQUEIRA, H. de G.; BRITO, J. R. L.; GOMES, M. O.; CAMPOS, D. F. Gestão Socioambiental, Marketing Verde e Legislação: o Papel do Regulamento Jurídico no Combate às Práticas de Greenwashing nas Organizações. *Revista de Gestão e Secretariado*, [S. l.], v. 16, n. 7, p. e5145, 2025. DOI: 10.7769/gesec.v16i7.5145.

LIMA, L. A. de O.; BERNARDY, T. A. dos S.; MENDEZ, A. V.; SCHIAVAO, L. J. V.; SOARES, A. R. N.; SOUZA JÚNIOR, S. O. de; VILELA, C. R.; BEZERRA, I. G. S. Gestão em Saúde: as Contribuições das Pesquisas de Satisfação e de Clima Organizacional para a Qualidade de Vida no Trabalho. *Revista de Gestão e Secretariado*, [S. l.], v. 16, n. 7, p. e5144, 2025. DOI: 10.7769/gesec.v16i7.5144.

LIMA, L. A. de O. *et al.* Sustainable Management Practices: Green Marketing as A Source for Organizational Competitive Advantage. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, São Paulo (SP), v. 18, n. 4, 2024. DOI: 10.24857/rgsa.v18n4-087.

LIMA, L. A. de O. *et al.* The Influence of Green Marketing on Consumer Purchase Intention: a Systematic Review. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, São Paulo (SP), v. 18, n. 3, p. e05249, 2024. DOI: 10.24857/rgsa.v18n3-084.

LIMA, L. A. O., DOMINGUES JÚNIOR, P. L., & SILVA, L. L. (2024). Estresse ocupacional

em período pandêmico e as relações existentes com os acidentes laborais: estudo de caso em uma indústria alimentícia. **RGO - Revista Gestão Organizacional**, 17(1), 34-47.
<http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v17i1.7484>.

LIMA, L. A. de O.; DOMINGUES JUNIOR, P. L.; GOMES, O. V. de O. SAÚDE OCUPACIONAL E QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DE CATADORES DE RECICLÁVEIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. **Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 9, 2025. DOI: 10.36692/V17N2-93R.

MACHADO, P. K. O.; CHECON, B. Q. Análise do cumprimento de critérios de governança corporativa por empresas ditas como Ambiental, Social e de Governança. **FGV RIC Revista de Iniciação Científica**, v. 4, n. 1, 2023.

MAZZIONI, S. *et al.* Reflexos das práticas ESG e da adesão aos ODS na reputação corporativa e no valor de mercado. **RGO - Revista Gestão Organizacional**, 16(3), 59-77, 2023.

MECCA, M. S. *et al.* Sustentabilidade e ESG (Environmental, social and governance): estudo das operações turísticas de uma pousada na serra gaúcha. **Tur., Visão e Ação**, v25, n3, p425-444, Set./Dez. 2023

MENDES, L. S. Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. **Revista Tocantinense de Geografia**, [S. l.], v. 11, n. 23, p. 234–240, 2022.

PACOBELLO, D. R. *et al.* ESTUDO DAS PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE EM GRANDES EMPRESAS QUÍMICAS NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS. **Gestão & Regionalidade**, [S. l.], v. 38, n. 115, 2022.

SILVA, C. M. A. *et al.* Política nacional de resíduos sólidos (Lei 12.305/2010): desafios na implementação da logística reversa de medicamentos no Brasil. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [S. l.], v. 16, n. 5, p. e4265, 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n5-085.

SILVA, C. M. A. *et al.* Sustentabilidade e supply chain management: o papel da logística reversa no descarte de medicamentos. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. e4028, 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n4-122.

SILVA, H. M. M. da . A SUSTENTABILIDADE COMO VANTAGEM COMPETITIVA: UM OLHAR SOBRE O TRIPÉ DA SUSTENTABILIDADE. **Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 80, 2021.